



## ARTIGO

### ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E OS ESTUDOS DE MEIO: lugares e não lugares na Bahia “supermoderna”

---

Luis Flávio Reis Godinho<sup>1</sup>

Ana Quele Passos<sup>2</sup>

Bruno José Rodrigues Duraes<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo deste texto é refletir sobre práticas de ensino em Ciências Sociais a partir de atividades de campo, configuradas como “estudo de meio”. Para analisar os territórios sob a perspectiva das Ciências Sociais e sua relação com o turismo na hodiernidade, dialogamos com a teoria dos lugares e dos não lugares, conforme a perspectiva de Marc Augé (2012). Em seguida, analisamos as dinâmicas desses espaços em alguns territórios turísticos do estado da Bahia no século XXI. Ademais, os dados de observação direta, documentais e imagéticos indicam uma lógica capitalista alicerçada na expansão de “não lugares” e no fortalecimento de uma cultura de mercado, com baixo pertencimento sociocultural. Conclui-se que a experiência turística tem se mostrado homogeneizante e, em síntese, marcada pela lógica do não lugar.

**Palavras-chave:** Ciências Sociais. Ensino. Estudo De Meio. Lugar. Não Lugar.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia *E-mail: godinho@ufrb.edu.br*

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail: anaquelepassos@gmail.com*

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. *E-mail: bjduraes@gmail.com*

## SOCIAL SCIENCES TEACHING AND ENVIRONMENTAL STUDIES: places and non-places in “supermodern” Bahia

### Abstract

The aim of this text is to reflect on teaching practices in the Social Sciences based on field activities, configured as “environment studies”. In order to analyze territories from the perspective of the Social Sciences and their relationship with tourism today, we discuss the theory of places and non-places, from the perspective of Marc Augé (2012). We then analyzed the dynamics of these spaces in some tourist territories in the state of Bahia in the 21st century. In addition, direct observation, documentary and imagery data indicate a capitalist logic based on the expansion of “non-places” and the strengthening of a market culture, with little socio-cultural belonging. The conclusion is that the tourist experience has been homogenizing and, in short, marked by the logic of non-place.

**Keywords:** Social Sciences. Teaching. Study of the environment. Place. Non-place.

### INTRODUÇÃO

O ensino e a aprendizagem em Ciências Sociais, no caso em tela, voltado para estudantes de Licenciaturas em Pedagogia, Filosofia, Matemática e Química que cursavam o componente curricular Antropologia e Sociologia da Educação do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)<sup>4</sup> envolvem a compreensão do ser social como um produto de construções históricas, materiais e simbólicas, resultantes das interações humanas com o meio em que vivem (Lahire, 2014). Nesse contexto, o espaço não é apenas físico, mas também cultural, social e político, onde as pessoas coexistem e constroem suas identidades. Este artigo propõe uma reflexão sobre as práticas de ensino em

<sup>4</sup> Em períodos anteriores, mas que não cabe no escopo desse texto, um dos autores do texto já desenvolveu ensino de sociologia articulado com estudo de meio na educação básica, na condição de estagiário do componente de regência de uma Licenciatura em Ciências Sociais no Centro Histórico de Salvador, por meio de um percurso mediante caminhada coletiva – envolvendo regentes e estudantes de formação de magistério no ensino médio (2000) entre o Pelourinho e a região do Mercado Modelo, nas cercanias da cidade baixa, visto que Salvador pode ser definido como uma cidade de 2 andares, ligada pelo Elevador Lacerda e ladeiras íngremes. Discutimos o Centro Histórico, suas mazelas e vulnerabilidades sociais, obnubiladas do discurso oficial dos órgãos de promoção da Salvador Turística, tanto pela Prefeitura Municipal quanto pelo órgão estadual de Turismo (Espinheira, 1999).

Ciências Sociais por meio de estudos de meio realizados em localidades turísticas da Bahia, com foco em Morro de São Paulo.

Acerca da dialética de lugares e não lugares<sup>5</sup>, observa-se que, na realidade concreta do mundo de hoje, essas dimensões se misturam e se interpenetram. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar, como diz Augé (2012, p. 98): "O retorno ao lugar constitui um recurso para aqueles que transitam pelos não lugares". A partir das noções de "lugar" e "não lugar" de Marc Augé (2012), discutimos como esses espaços são transformados pela lógica consumista e pela ideia do autor da supermodernidade. Essa condição da supermodernidade se configura pela aceleração do tempo, pelos deslocamentos espaciais e pelas alterações nas imagens/sentidos das coisas, que podem se repetir em qualquer lugar do mundo, representando uma mesma cena que pode ser vista no Brasil ou na França como ocorre com o espaço do aeroporto (Augé, 2012).

O objetivo aqui é analisar como os estudos de meio podem contribuir para a formação crítica dos estudantes, articulando teoria e prática em contextos reais e problematizando as dinâmicas de lugares e não lugares em territórios turísticos.

Pensar no ensino-aprendizagem em Ciências Sociais implica compreender que o ser social internaliza elementos constituídos historicamente, articulados a uma construção coletiva ou a um amálgama social, tanto em termos materiais quanto simbólicos/culturais, resultante das ações humanas no mundo. Assim, o ser social também resulta da interação com o meio em que vive e convive (Berger, 1973). O espaço no qual a vida se desenrola não é apenas físico, mas, sobretudo, cultural, social e político. Dessa forma, as pessoas coexistem em um lugar, seja uma cidade, vila ou comunidade. No caso do turista de lazer, entretenimento e usuário de serviços de turismo receptivo, aprofunda-se a lógica consumerista de lugares com tendência de extração da capacidade de carga ambiental.

---

<sup>5</sup>Na perspectiva metodológica fizemos observação direta junto com os matriculados no componente curricular em (2008). Coligimos dados do último relatório publicado pelo Observatório Estadual do Turismo da Setur (2016), análise de notícias sobre o problema da massificação turística de Morro de São Paulo em jornais de grande circulação estadual, a exemplo do Correio da Bahia (2019, 2023, e 2024) e pesquisa fotográfica em 2025. (Cardoso de Oliveira, ano tal)

Nossa proposta é, nessa via, refletir sobre as práticas de ensino de e no campo em Ciências Sociais, por meio de estudos de meio realizados na Bahia, especificamente em um distrito do arquipélago de Cairu, Morro de São Paulo. Discutimos o corpus teórico no que concerne aos lugares e não lugares, a partir da visão de Marc Augé (2012). Conforme o antropólogo francês, essas dimensões interpenetradas dos ambientes sociais se alastram na supermodernidade (Augé, 2012). Em seguida, analisamos as dinâmicas dos estudos de meio como ferramenta de ensino das Ciências Sociais, a partir de territórios turísticos. Também iremos de forma breve situar o debate atual do campo de pesquisa em Ensino de Sociologia, evidenciando, inclusive, que temos um espaço profícuo para debater os estudos de meio.

O presente artigo, portanto, parte da compreensão de que o ensino de Sociologia deve ultrapassar os limites da sala de aula, incorporando práticas que possibilitem aos estudantes a vivência concreta dos fenômenos sociais. Nesse sentido, os estudos de meio revelam-se como alternativa potente para articular teoria e prática.

Ao longo do trabalho, procuramos evidenciar que a observação direta de espaços sociais, inclusive aqueles marcados pela lógica da mercantilização, pode ser ressignificada como oportunidade formativa. Como apontaremos ao final, até mesmo os chamados “não lugares” podem se tornar espaços de criticidade.

Nosso objetivo, nessa perspectiva, foi experimentar uma sequência didática baseada em estudos de meio. Essa experiência permitiu problematizar a realidade e demonstrar a importância de vincular o ensino das Ciências Sociais a práticas investigativas concretas.

Assim, a introdução e a conclusão deste artigo se encontram, uma vez que, partimos da necessidade de integrar o ensino sociológico a experiências vividas e retornamos à defesa de que o território ensina.

## 1. LUGARES E NÃO LUGARES NA SUPERMODERNIDADE E O ENSINO DE SOCIOLOGIA HOJE

Ao definir a supermodernidade, Augé (2012) argumenta que esta transforma o antigo da história em um espetáculo específico. Contudo, ressalta que esses elementos não promovem uma síntese nem integram qualquer unidade, apenas possibilitam, durante um determinado percurso, a coexistência de individualidades distintas, semelhantes e indiferentes entre si, apagando uma referência singular ou única, e gerando momentos partilhados que se repetem. Assim, o espaço da supermodernidade é marcado por essa contradição, pois lida exclusivamente com indivíduos, como clientes, passageiros, usuários e ouvintes, que são identificados, socializados e localizados, por nome, profissão, local de nascimento e endereço, apenas ao ingressar ou deixar esse espaço (Augé, 2012, p. 101-102).

Os estudos de meio constituem dispositivos de conhecimento que articulam teoria e prática às dimensões de vivência, experiência, troca e aprendizagem dos espaços sociais, por meio da imaginação sociológica. Podemos entender estudos de meio conforme, na linha do que diz Lopes e Pontuschka (2009):

Um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (Lopes e Pontuschka, 2009, p. 174).

O estudo de meio é parte da conexão com realidades sociais e culturais e, dessa forma, contribui com o processo de aquisição de saberes e para a reflexão, com vistas a dialogar com o que se observa e com aquilo já vivido e formulado no plano teórico. Logo, a pesquisa de campo configura-se como um ato formativo, reflexivo e educativo (Oliveira, 1996).

Ademais, o estudo de meio evidencia pelo menos três momentos interconectados. Primeiro, visa estabelecer contato com a própria realidade e

problematizá-la, buscando romper com a aparente naturalidade dos fenômenos, promovendo o estranhamento em relação ao instituído. Segundo, possibilita a produção do saber por meio da mediação com o real e o cotidiano (Lahire, 2014). Por fim, possibilita, de modo geral, a modificação do próprio currículo escolar, pois o contato com a realidade faz com que o conteúdo estudado e a realidade interajam por meio dos envolvidos na experiência, atualizando, de certa forma, o currículo construído, gerando uma espécie de currículo vivo e dinâmico.

Nesse sentido, Lopes e Pontuschka (2009) sintetizam o estudo de meio como uma prática pedagógica que:

[...] pode tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. Trata-se de verificar a pertinência e a relevância dos diversos conhecimentos selecionados para serem ensinados no currículo escolar. (Lopes e Pontuschka, 2009, p. 174).

Outro ponto que cabe destaque refere-se aos estudos do meio na relação que se estabelece entre Universidade e Comunidade, pois através dessas ações podemos aliar ensino, pesquisa e extensão e instituir intenções didático-pedagógicas de forma interativa e reflexiva. Conforme Pimentel (2020, p. 1542):

O ‘meio’ pode ser compreendido como condição seminal da indissociabilidade dos fins da universidade que, além de proporcionar maior contextualização dos conteúdos de saberes e práticas sociais advindos de suas experimentações, proporciona também ampliação da participação social nas relações de ensino-aprendizagem implicadas em seus processos.

Os estudos de meio permitem um saber fundamentado, na medida em que será sempre um conhecimento referenciado à determinada realidade e para contexto específico ou sociedade circundante, estabelece-se, por sua vez, uma conexão com o território. A categoria território é relevante nesse texto. A produção acadêmica acerca desta dimensão é vasta. A discussão acerca de espaço deste texto é tributária das reflexões de Marx do capítulo 24 "A assim chamada acumulação primitiva", no livro “O Capital” (2013), em que o alemão aborda a constituição

histórica das relações sociais de produção entre proprietários e não proprietários dos meios de produção durante a transição feudal-capitalista.

Ademais, Marx caracteriza, naquele texto, os processos de expropriação, espoliação e sortilégios de violências no processo de acumulação originária de Capital. Explora as contradições das frações de classe, a constituição de uma legislação sanguinária, em aliança entre reinados e a nascente burguesia, bem como outras formas de estratificação e formas de opressão, subjugação, sacralização e judicialização da propriedade privada e processos ideológicos acerca da naturalização das desigualdades sociais, no plano estrutural, conjuntural e ideológico, como expresso nas ideias burguesas no que concerne ao território, espaço e propriedades materiais e imateriais (Marx, 2013, p. 829).

Buarque de Holanda (1995) caracteriza as colônias como de exploração ou de povoamento. No caso da primeira dialoga diretamente com as reflexões de Marx. Por questão de espaço não desenvolvemos a contento tal discussão, entretanto indicamos a concordância com a tipologia e com as contribuições de Buarque de Holanda quando realiza a comparação entre a questão territorial nas colônias espanholas e portuguesas:

O empreendimento de Portugal parece tímido e mal aparelhado para vencer. Comparado ao dos castelhanos em suas conquistas, o esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo assim o exemplo da colonização na Antiguidade, sobretudo da fenícia e da grega; os castelhanos, ao contrário, querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu. (Buarque de Holanda, 1995, p. 98).

Harvey (2006) analisa a apropriação do espaço pelo avanço do capital segundo uma nova forma de imperialismo, que abarca cada vez mais lugares, transformando-os em novos territórios de reprodução capitalista para ampliar a mais valia relativa e absoluta. Regimes de acumulação e reprodução instituem-se como uma espécie de nova geografia da dominação ou da acumulação (Santos, 2004). Portanto, buscam-se novos lugares e geram um amálgama de populações espoliadas, precarizadas e sobrantes (Castel, 1998).

Lencioni (2012) enfatiza essa dimensão, para o contexto brasileiro, ao evidenciar a atualidade das formas originárias de acumulação do capital em pleno século XXI. A autora identifica novas modalidades de concentração do capital, no Brasil do século corrente, dentro da lógica da violência, da fraude, de ilegalidades e formas severas de expropriação tais como: trabalho análogo à escravidão, exploração sexual internacional de mulheres, biopirataria, tráfico de armas, exploração ilegal de serviços de *streaming*, apropriação global de direitos de propriedade intelectual e de produtos, solapamento de recursos ambientais globais, crescimento exponencial de aluguéis por temporada em cidades turísticas, terceirização irrestrita dos serviços públicos, espoliação mineral, expropriação de terras comunais, desertificação verde, danos socioambientais causados pela indústria eólica etc.

Dentro dessa perspectiva, o espaço social expressa-se no bojo de um relevante contexto de educação sociológica, de representação social (construção de entendimentos de si e do mundo) e de trocas e interações sociais, na perspectiva de entender o espírito de nosso tempo (Simmel, 1979). Também levamos em consideração, nesse texto, acerca das contribuições de João José Reis (1993; 2019) e de Durães (2012) no que concerne aos espaços sociais e de trabalho, no século XIX. Essas discussões foram fontes mobilizadoras dos estudos socioespaciais do presente texto.

Por conseguinte, ao que se refere às noções de lugares e não lugares, distingue Augé (2012):

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados (Augé, 2012, p. 115).

Dessa maneira, Augé (2012) apresenta a noção de lugar referido a um contexto significativo e de memória de um povo ou resultante de acontecimentos históricos e de sentidos que são atribuídos e lembrados. Por sua vez, o “não lugar”

seria a ausência de referência, concernente a um *lócus* de passagem (de trânsito, sem construção de pertenças pela maioria dos agentes usuários dos referidos), de troca mercantil/consumo ou de encontro superficial. O autor cita, em sua obra, o espaço do aeroporto ou de um hotel, que representam lugares transitórios e de passagem. Portanto, o lugar ganha relevância para ser lembrado, afirmado e defendido, pois é zona de reconhecimento e pertencimento, por sua vez, o não lugar representa algo contingencial, um acontecimento fugaz ou um local que serve de ligação para algum outro ambiente.

Conforme Sá (2014) o não lugar de Augé é também um espaço multifuncional e de relação social dentro da modernidade, ou seja, um lócus de circulação e movimento, de passagem, no qual o que está em causa é o objetivo que se quer atingir (chegar a um local, comprar um objeto). Já a referência dos "não lugares" são espaços plurifuncionais, cujo objetivo é possibilitar a cada um fazer cada vez mais coisas em um mesmo espaço. São espaços para consumir [...], (Sá, 2014, p. 214).

A principal discussão pautada pelos moradores dessas cidades são: encarecimento da vida nessas localidades, em razão do crescimento exponencial do aluguel de temporada, tipo *Airbnb*, decréscimo de moradias para aluguel de longa duração, aumento exponencial do preço dos alimentos consumidos fora de casa, etc. Em algumas metrópoles europeias são concebidas leis contra o aluguel por temporada via aplicativos, com a justificativa de que são devoradores do direito social à habitação nestas cidades. Pululam no mundo atual movimentos de moradores de cidades turísticas, descontentes com o turismo de massa. A seguir, vejamos como os moradores do Santo Antônio Além do Carmo, bairro situado no Centro Histórico de Salvador (figura 01 abaixo), vivem um impasse diante da crescente popularização do local, com aumento do fluxo do turismo.

**Figura 01:** Moradores colocam faixa de protesto contra desordem e barulho no bairro durante festas.



**Fonte:** Paula Fróes/CORREIO.

Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/processo-no-mp-faixas-e-reunoes-o-que-os-moradores-ja-fizeram-para-garantir-dias-de-paz-no-santo-antonio-0125>. Acesso em 15 de fev. 2025.

Cabe ressaltar (e relacionar) que entender esse “não lugar” hoje na denominada supermodernidade de Augé (2012) passa por situar que representa também espaço da lógica global neoliberal imersa dentro de um novo tipo de racionalidade vivenciada pelas pessoas, a racionalidade individualista e do consumo neoliberal (Dardot e Laval, 2016). Estamos, pois, em uma sociedade em que a lógica mercantil está para além do formato apenas econômico/monetário ou social e político, enfatiza-se um estilo de vida (modo de ser) que adquire relevo no *ethos* das pessoas.

Por isso Dardot e Laval (2016) abordam esta nova racionalidade. Nesse sentido, estamos agora em uma sociedade que constituiu uma subjetividade de consumo, de competitividade, de interesses e de negócio como processo civilizatório?

Assim, observamos uma sociedade que legitima uma desigualdade social em escala planetária e de perdas de direitos sociais e que tem na exclusão habitacional promovida por aluguel de curta temporada sua marca espacial mais atual (Dardot e Laval, 2016).

Assim, pensar em atividade de meio como elemento formativo é tentar dialogar com os acontecimentos da própria realidade e com suas transformações. Por isso, achamos central o debate com o lugar, seja este com elementos tradicionais ou modernizadores, acreditamos que o Ensino de Sociologia se fortalece com o diálogo com a realidade circundante e utilizando isso como meio educativo.

Iremos também aqui situar de forma breve a área de Ensino de Sociologia através de revistas e autores/as atuais para, inclusive, perceber que temos uma lacuna referente a temática que propomos no texto sobre estudos de meio. Assim, nossa proposta ganha ainda relevância e se justifica em si.

O ensino de Sociologia no Brasil vem se consolidando como um “campo” (Oliveira, 2023), e também como “subcampo” das Ciências Sociais quando tratando-se da produção e circulação científica (Bodart, 2025), dotado de agentes, capitais e regras de consagração próprios. Esse espaço se configura como uma eminente área de pesquisa, o que sem dúvida representa um universo para pensar o ensino de Ciências Sociais e seus desafios dentro e fora das Universidades, tendo contribuído para a proposição de metodologias diversas, mesclando o conhecimento formal com inovação, tradição, cultura e oralidade.

Nas publicações recentes nos *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, encontramos em Amurabi Oliveira (2023) uma defesa da existência de um **campo em processo de autonomização**, situado na **interface entre a Sociologia e o Ensino** (e não genericamente “a Educação”), o que ajuda a explicar por que certas posições e critérios de reconhecimento não coincidem com os do campo sociológico ou educacional mais amplos.

Tomando como base três periódicos centrais da área de Ensino de Sociologia no Brasil, a saber, *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, a *Revista Eletrônica Ensino de Sociologia em Debate* (UEL) e A

*Perspectiva Sociológica* (CPII), parece que os debates dos **últimos cinco anos** se organizam, a nosso ver, em cinco eixos temáticos principais.

O primeiro eixo encontra-se as **políticas curriculares** (BNCC, Reforma/Novo Ensino Médio e reconfigurações mais recentes), que reabre a disputa sobre o **lugar curricular** da disciplina Sociologia, que sempre corre risco de sair do currículo escolar e virar apenas itinerários formativos ou complemento, perdendo assim legitimidade e relevância na formação geral. Contudo, o Ensino de Ciências Sociais ainda sobrevive graças a permanente mobilização desse campo de conhecimento. Lemos esse eixo tanto em análises crítico-programáticas nos *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, por exemplo, em Silva, Ferreira e Abreu (2022), que situam o NEM em uma agenda de “flexibilização”, dentro de uma lógica de mercado, com efeitos de esvaziamento para a Sociologia, quanto em textos de *A Perspectiva Sociológica* voltados ao **Projeto de Vida** e às tensões entre essa disciplina e a formação sociológica, como em Lima (2024). Nessa discussão, o ponto comum é que a Sociologia precisa reafirmar sua especificidade diante de arranjos por áreas e itinerários formativos.

O segundo eixo que podemos perceber é a **formação de professores**. No recorte dos *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, encontramos o trabalho de Oliveira (2023), que discute como programas e políticas educacionais (PIBID, Residência Pedagógica, PROFSOCIO) funcionam como dispositivos de consolidação e circulação de saberes didáticos específicos do campo. Do lado da UEL (2021), as **Apresentações** do editorial de 2021 explicitaram uma vocação do periódico relacionada a **formação e democratização**: acolher produção de licenciandos(as), professores(as) da educação básica e pós-graduandos(as), inclusive no contexto da pandemia, visando qualificar a formação inicial e continuada. Essa orientação aparece também em coletâneas recentes na UEL, como em *Escrevivências e Ensino de Sociologia*, que articula pesquisa, extensão e prática pedagógica (Eras, 2023).

O terceiro eixo volta-se às **metodologias e didáticas**, tal como as experiências de sala de aula, pesquisa-ensino, alfabetização sociológica e avaliação.

Aqui, as três revistas ocupam nichos complementares. *A Perspectiva Sociológica* opera como uma base de **experiências pedagógicas** e relatos da escola, incluindo discussões de gênero em sala, como em Maia (2024), e práticas que dialogam com o NEM. A UEL tem historicamente reunido e difundido **práticas formativas**, com trabalhos também de extensão (Lima e Araújo, 2023). E os *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)* têm publicado tanto relatos práticos (experiências) quanto marcos conceituais, um exemplo é Dourado (2023) que reatualiza o “**analfabetismo sociológico**” numa chave freireana. Outro é a resenha publicada por Barros (2024) do livro *O que aprender para Ensino Sociologia*, de Cristiano Bodart (2024), que retoma de forma mais sistêmica a dupla “alfabetização/letramento sociológico” como horizontes formativos. Esse conjunto dá lastro para pensar **espaços não formais e estudos de meio** (viagens, saídas de campo, trabalho de observação, aprendizado fora da sala de aula) como estratégias legítimas de **formação sociológica** e de articulação entre conceitos, experiências e práticas.

O quarto eixo é dos **mapeamentos**. Do lado dos mapeamentos, Bodart, Santos e Nascimento (2024) analisam os **grupos de pesquisa do CNPq** dedicados ao ensino de Sociologia, oferecendo evidências da **capilaridade e institucionalização** do campo.

O quinto eixo é destinado às **agendas de justiça social/inclusão/diversidade**. No plano das agendas, atravessam os periódicos dossiês e artigos sobre **relações étnico-raciais, gênero/sexualidade e juventudes**, com ênfase recente na **educação antirracista**, ver por exemplo, Moraes (2024), nos *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, e Santos (2023) sobre **intelectuais negras no ensino de Sociologia**. Esses recortes recolocam o sentido público da disciplina e reposicionam o ensino de Sociologia como lugar de disputa por conhecimento e direitos.

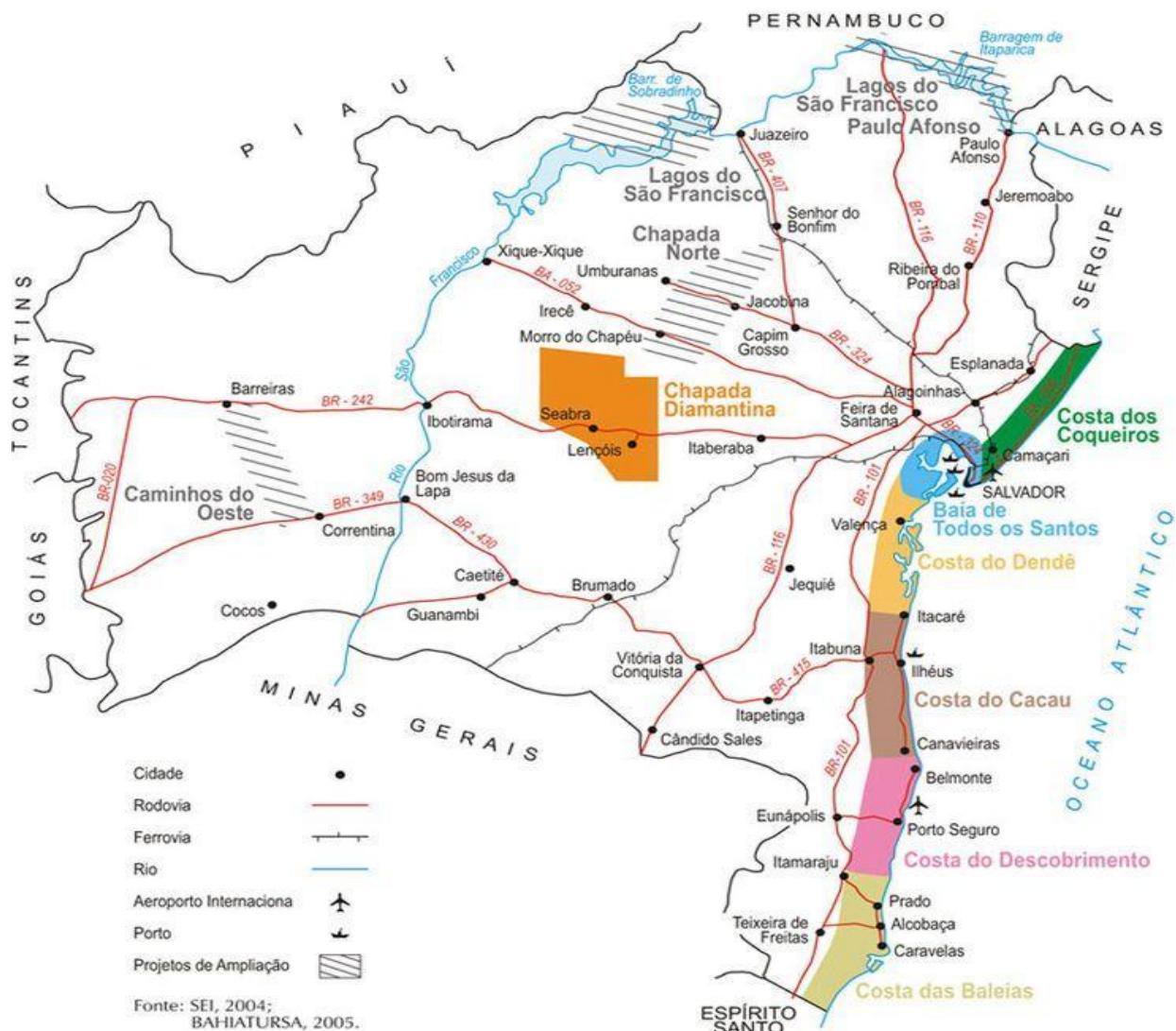
Do ponto de vista conceitual, as leituras convergem para uma definição de “**o que é o ensino de Sociologia hoje**”: um **campo/subcampo** em que a especialização didática da Sociologia se traduz em **objetos singulares** (currículo,

livro didático, avaliação, metodologias, políticas), **comunidades de prática** (docentes da educação básica, licenciandos(as), pesquisadores(as) do PROFSOCIO, PIBID etc.) e uma **posição formativa** orientada ao letramento **sociológico**, isto é, a capacidade de mobilizar conceitos e procedimentos analíticos para interpretar a vida social, com intencionalidade crítica e compromisso democrático. Quando recolocamos essa discussão no nosso tema, os **espaços não formais e estudos de meio** (viagens turísticas como estudos de campo e formação discente na fronteira do lugar e do não-lugar), o diálogo é direto, pois trata-se de **metodologias ativas** alinhadas ao que as três revistas têm divulgado como boas práticas, reforçando a especificidade do “aprender Sociologia” por meio de investigação situada, observação e reflexão conceitual lado a lado.

## **2. ESTUDO DE MEIO COMO FERRAMENTA DE ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

A Bahia possui mais de 40 regiões turísticas, abrangendo diversos segmentos, como turismo receptivo, de eventos, de negócios, religioso, enoturismo, ecoturismo e turismo de cruzeiros, além das festividades tradicionais, como o Carnaval e o São João, dentre outras festas e celebrações. O turismo receptivo tem como principal atrativo sua extensa faixa litorânea, que se estende por aproximadamente 1.000 km. As cinco zonas litorâneas, a Capital, Costa dos Coqueiros, Costa do Descobrimento, Costa do Cacau e Costa do Dendê, são os principais polos de atração turística. Nesse sentido, Morro de São Paulo, localizado na Costa do Dendê, foi escolhido como foco deste estudo para análise da noção de "não lugar" e estudo de meio, ver Figura 02 a seguir.

**Figura 02:** Mapa do Turismo do Estado da Bahia



**Fon**te: BAHIATURSA, 2025. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/bahia/mapaturismo.htm>, acesso em: 22 de set.2025.

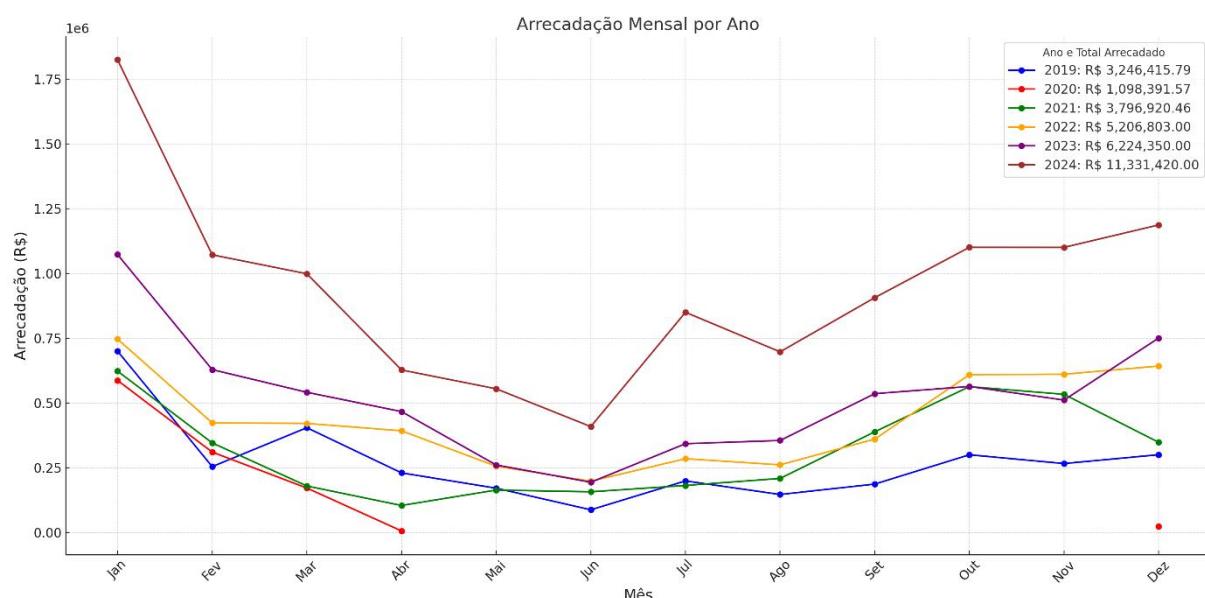
De acordo com a SETUR-DPT o fluxo turístico da Bahia em 2016 foram 13 milhões e 350 mil turistas, perfazendo cerca de 13 milhões do turismo doméstico e cerca de 444 mil provenientes de viajantes residentes no exterior. Apenas para efeito de comparação, dos 13.350.000 que visitaram a Bahia, 500 mil são turistas que desembarcaram na localidade de Morro de São Paulo, distrito de Cairu que conta com uma população total de 18.486 (IBGE, 2024).

Segundo o relatório de caracterização do turismo receptivo (Fipe, 2015), o perfil dos turistas de MSP, 94 % têm por motivação da visita o lazer. Por volta de

83% dos viajantes ficam entre 1 e 8 pernoites no arquipélago, e 88% dos que visitaram MSP também pretendem ir à capital do estado. Dentre as 50 atividades listadas como potenciais atividades praticadas na Bahia e na localidade, os turistas de Morro elencam, entre as três primeiras: Ir à praia, caminhar em ambientes naturais e fazer compras. Na avaliação de atrativos como muito bons, os viajantes da localidade elencaram entre os três mais notáveis: atrativos naturais, patrimônio histórico cultural e manifestações populares. Por fim, de acordo com os entrevistados, os aspectos de MSP que mais desagradaram foram: os preços, as taxas municipais e a infraestrutura urbana. (Fipe, 2015).

A partir de 2019, com a publicação da Lei Municipal N° 586/2019, houve a regulamentação da cobrança da Tarifa de Preservação e uso do Patrimônio do Arquipélago Municipal - Morro de São Paulo - BA, que variou entre R\$ 30,00 em 2023 a R\$ 50,00 em 2024, chegando a arrecadar um pouco mais de 11 milhões por ano em 2024. Os dados a seguir revelam o crescimento da arrecadação, que em paralelo indicam o crescimento do número de visitantes. Observamos no gráfico na Figura 03:

**Figura 03 – Arrecadação Mensal da Tarifa de Preservação – MSP (2019 -2024)**



**Fonte:** Organizado pelos autores com base em Tupa (2025). Disponível em:  
<https://www.tupadigital.com.br/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

A análise da arrecadação da Tarifa de Preservação e Uso do Patrimônio do Arquipélago Municipal - Morro de São Paulo (TUPA) demonstra um crescimento consistente no fluxo de visitantes e na receita gerada ao longo do período analisado, com variações mensais que indicam a influência de fatores sazonais na demanda turística. No ano de 2020, há uma redução expressiva na arrecadação em decorrência da suspensão da cobrança da tarifa entre os meses de maio e novembro, uma medida adotada como resposta à crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19 e às restrições de circulação e acesso ao destino impostas naquele período. A retomada da arrecadação em 2021 evidencia um processo de recuperação gradual, que se intensifica nos anos subsequentes, superando os níveis anteriores à pandemia.

Consolida-se por meio de apropriações culturais ditadas pelo *trade* turístico, pelo universo da moda e das empresas de entretenimento dentro dessa dimensão do campo turístico. Os exemplos são inúmeros, mas apresentaremos alguns indicadores da dialética lugar x não lugar no estado da Bahia. Esse contexto, assim como destacado por Santos *et al.* (2024), evidenciou que o crescimento econômico em Morro de São Paulo, na Ilha de Tinharé, Cairu, no Território de Identidade do Baixo Sul (TIBS), na Bahia, foi impulsionado pelo fenômeno da metropolização do turismo, pela especulação imobiliária e pelas mudanças no uso da terra, alinhando-se ao modelo neodesenvolvimentista e neoliberal.

Esta reportagem sobre o aniversário de um ano da Empresa de *Fast food* Transnacional Bobs, na localidade de Morro de São Paulo, contribui para compreensão da dialético lugar x não lugar nesses ambientes turísticos:

Fachada com madeira de plástico reciclado, bandejas fabricadas com material 100% pós-consumo. Os copos, embalagens, papéis e canudos são todos biodegradáveis ou recicláveis também. Dá para pensar em um fast food pé na areia em uma ilha paradisíaca como Morro de São Paulo? Dá sim. E não bastou reaproveitar materiais e ter uma pegada mais ecológica. Instalada na orla da Segunda Praia de Morro de São Paulo, a unidade que completou recentemente 1 ano de inauguração já é uma das mais lucrativas do Bob's, que só no último ano registrou um faturamento de R\$ 1,4 bilhão, em toda sua operação (Natividade, 2024).

As localidades são consumidas na perspectiva de espaços de vivência de estilos de vida contra hegemônicos em comparação às formas de vida das grandes e médias cidades (Simmel, 1979). Em que medida essas localidades turísticas transformam-se em localidades da supermodernidade, paragens simbólicas de um não lugar apenas para usufruto de turistas e de acordo com a forma de mercantilização da vida e da cultura? De que forma a gentrificação transforma regiões de turismo ambiental em localidades de consumo supermoderno em que se faz necessário grande aporte de capital para conseguir viver a experiência nessas “novas” regiões? Observamos significativas compressões de tempo e espaço? Tornam-se hegemônicas nestas comunidades turísticas? (Harvey, 1989). Estas são as questões que este texto persegue por intermédio dos estudos de meio em algumas localidades turísticas em que desenvolvemos essa atividade com estudantes universitários, e que também foi alvo de nosso debate e reflexão.

Os estudos de meio transformam o mundo social no lócus laboratorial de aprendizagens de conceitos, métodos e procedimentos de análise. Essas práticas de ensino de campo necessitam, antes do próprio “ir lá”, da constituição do olhar, para que não se corram riscos desnecessários tanto do ponto de vista da segurança dos envolvidos quanto da perda de determinados diálogos ou interações. Fomenta-se, dessa maneira, a preparação sistemática para o uso dos sentidos tal como um ato epistemológico de três sequências interdependentes: o olhar, o ouvir e o escrever na perspectiva de um cientista social (Coulon, 1995; Oliveira, 1996). Assim, consideramos estudo de meio, na área de ensino de ciências sociais, as investigações e práticas de ensino ancoradas nas teorias, metodologias e procedimentos de análise das ciências sociais.

Para tanto, delimitamos determinados espaços sociais institucionais ou não institucionais (Berger, 1976) com metodologia baseada em leituras prévias temáticas e teóricas, de coleta de dados quanti-qualitativos e documentais (Quivy e Campenhoudt, 1998), anotações de caderno de campo, produção de fotografias e audiovisual (Oliveira, 1996). Esse conjunto de variadas estratégias permite subsidiar a construção de relatórios, *papers*, documentários etnográficos, tais como,

produtos da ação pedagógica. São tributárias dessa dimensão a perspectiva de ensino extra sala de aula, bem como os produtos avaliativos inspirados na tríade ensino significativo de ciências sociais, pesquisa e extensão.

A primeira delimitação refere-se à discussão relacionada à prática de ensino aludida. Tomamos cuidado em distinguir de/do, pois essa alteração de preposições reveste-se de grande diferença analítica, que pode representar que algo é exclusivo de alguma dimensão ou variável no sentido de junto/próximo/pertencente. Compreendemos a visita técnica e o estudo do meio conforme dispositivos de aprendizagem legítimos nas Ciências Sociais, mas que não são exclusivos das Ciências Sociais (Holiday, 2006).

Territórios a exemplo do Morro de São Paulo são espaços sociais com características supracitadas em razão de sua globalização supermoderna. Esta perspectiva situacional se consolida na medida em que são característicos, a circulação global de turistas, de mercadorias, das matérias-primas, diversidade de línguas, classe social consumidora e estilos de vida ostentatórios, ruas com inúmeros estabelecimentos de cozinha internacional, seguindo também uma lógica de uma cidade global (Sassen, 2001). Essas antigas vilas de pescadores e povos originários foram transformadas, nos últimos 20 anos, em lugares com intervenções urbanas massificadas, com projetos urbanísticos assemelhados. Deste modo, evidencia-se a expansão da lógica capitalista nos territórios. Estabelece-se, assim, um conflito entre os partidários do ambiente singular e os defensores da modernização padronizadora.

A partir da provocação trazida por Augé (2012) organizamos uma expedição científico-social em 2008, conforme dito, para estudo de meio do Morro de São Paulo, com o objetivo de discutir seu espaço social na forma de um não lugar. Articulamos teoria e prática ao construirmos sistematizações bibliográficas baseadas em Augé (1992); Canclini (1995); Oliveira (1996); Reis (1993); Guerra Filho (2004); Giddens (1993). Elaboramos o projeto de estudo de meio, formalizamos junto à gestão de ensino do Centro de Formação de Professores (CFP/UFRB, Amargosa-Ba), convidamos os colegas da unidade de ensino referida e fomos ao distrito.

O ônibus providenciado pela UFRB nos levou – alunos (as) e professores (as) – no trajeto Amargosa x Valença x Amargosa. Ao chegarmos à cidade de Valença fomos ao arquipélago em uma lancha. *Pari passu* desembarcamos todos (as), depois de certo apuro no rio-mar denominado Una, em que ficamos por um momento com o barco à deriva, na localidade de Morro de São Paulo. Apresentamos doravante um quadro com o roteiro do estudo de meio, momento em que indicamos os espaços investigados em Morro de São Paulo, mas também textos que abordam os territórios e contextos mencionados. Explicita-se, neste ínterim, as interfaces entre educação, pesquisa e práticas de campo. Por sua vez, fortalece-se o ensino de humanidades, em cursos superiores, na área de formação de professores.

Organizamos um roteiro de observação e sistemática de questões derivadas de cenas da vida social, trabalhista e hedonista da localidade. Abrimos espaço interdisciplinar para aulas de arquiteturas e estilos presentes em Morro de São Paulo, estudamos a estação de tratamento de água do longínquo século XIX – equipamento do parque histórico – e, por fim, à imaginação da sociologia, antropologia e história no que se refere ao espaço social local.

**Quadro 01:** Sequência Didática de Estudo de meio de espaços socioculturais

Local	Roteiro	Responsável	Dimensões materiais e imateriais	Recomendações bibliográficas
Arco de Entrada do Morro de São Paulo	Caminhada do porto desembarque até a obra arquitetônica referida	Prof. Delta I	Dimensão e estilo arquitetônico; história do tipo de construção.	AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.
Ruínas das fortificações militares	Trajeto entre o arco e o lado esquerdo continental do arquipélago	Prof. Delta II	Ruínas da muralha, canhões, construção arquitetônica do forte militar	GUERRA FILHO, Sérgio A. D. <i>Rebeldes ou Bêbados? Desordens, Soldados Artilheiros e Álibis Etílicos.</i>

Igreja Local	Caminhada ao arco histórico até a instituição religiosa	Professora Delta III	Igreja (lado externo e interno) adro, local de enterros, cúpula, pinturas do teto,	REIS, João J. <i>A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX.</i>
Banheira Pública e antiga Estação de Tratamento de Água	Trajeto entre a igreja e primeira rua à direita do primeiro ponto citado	Prof. Delta IV  Prof. Delta I	Antiga Estação de Tratamento de água e ruínas de Local de Banho Público	GIDDENS, Anthony. <i>A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.</i>
Comunidade Buraco do Cachorro	Trajeto entre antiga estação de água e comunidade referida	Prof. Delta I ET AL	Território de moradia de pessoas desfavorecidas econômicas em Morro de São Paulo	AGIER, Michel. <i>O sexo da pobreza: homens, mulheres e famílias numa "avenida" em Salvador da Bahia.</i>
Estabelecimentos Formais e Informais do território	Entre a igreja e as cinco praias	Prof. Delta V	Avenida de bares, restaurantes, lojas, mercados, agências de turismo, etc.	AUGÉ, Marc. <i>Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.</i>
Praias	Caminho das praias	Toda equipe docente e de alunos	Investigação dos cenários, perfil dos usuários, modos e usos sociais do espaço	Urry, J. <i>O Olhar do Turista.</i>

**Fonte:** Elaboração própria dos autores, 2025. Ocultamos nomes dos/as professores/as para Delta.

A partir do quadro apresentado revelamos interações acerca de investigações de escopo educativo, territorial e científico social, por meio de uma equipe multidisciplinar mobilizada nesta interface. Desta maneira, constitui-se um olhar teórico, metodológico e analítico do Morro de São Paulo. Destacamos que esse *olhar, ouvir e escrever* (Oliveira, 1996) acerca dessas localidades nos propiciou íntima relação entre o problema de pesquisa e as delimitações necessárias ao escopo investigativo e as justificativas do estudo. Por fim, deslindar as íntimas conexões entre o olhar das ciências sociais, o território e o contexto do saber articulados e contribuintes no que se refere à produção de materiais audiovisuais, relatórios, *papers* e sequências didáticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de meio configuram-se como dispositivos teóricos, empíricos e metodológicos fundamentais no ensino das Ciências Sociais. Ao possibilitarem o contato direto com a realidade, contribuem para a constituição da imaginação sociológica, do relativismo cultural e da problematização da vida social, além de atuarem no processo de desnaturalização das práticas e representações (Lahire, 2014). A experiência desenvolvida em Morro de São Paulo, na Bahia, materializou essa proposta por meio de uma sequência didática que envolveu pesquisa de campo, definição de objeto, elaboração de perguntas de partida, justificativas e instrumentos de coleta de dados. Inspirados em Bourdieu et al. (1999), buscamos evidenciar a importância do exercício prático de construção do objeto sociológico como etapa formativa. O resultado, que incluiu inclusive uma história em quadrinhos<sup>6</sup> de caráter científico-social, demonstrou o potencial de conectar ensino, pesquisa e produção coletiva de conhecimento.

Em síntese, mostramos que o ensino de Sociologia pode se articular criticamente com diferentes espaços sociais, inclusive aqueles compreendidos como “não lugares” (AUGÉ, 1994). Mesmo em contextos marcados pela supermodernidade e pela racionalidade neoliberal descrita por Dardot e Laval (2016), bem como pela lógica da acumulação e da espoliação do capital apontada por Harvey (1989) e Lencioni (2012), é possível ressignificar tais espaços como instâncias de formação. Assim, o “não lugar” pode converter-se em meio de criticidade, permitindo que estudantes e professores construam leituras alternativas da realidade social.

Ao aproximar teoria e prática, o exercício sociológico confirma-se como um aprendizado que deve ser ancorado no mundo vivido, nas configurações sociais e nos territórios concretos. Como lembra Norbert Elias (1994; 2008), compreender as interdependências entre o “eu” e o “nós” é condição para revelar conexões mais

<sup>6</sup>A aludida história em quadrinhos (HQ) foi construída a partir de um relatório foto-etnográfico de campo, elaborado pelo professor Delta IV, com auxílio de um programa de edição de fotografias com a incorporação da linguagem própria dos HQ. Para maiores informações ver: <<https://ufrb.edu.br/portal/noticias/859-olhar-antropologico-em-morro-de-sao-paulo-uma-atividade-de-docentes-e-discentes-no-cfp>>.

amplas entre indivíduo e coletividade. Os estudos de meio, nesse sentido, reafirmam-se como caminho fértil para a formação de uma sociologia crítica e para a consolidação do ensino das Ciências Sociais no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁGICAS

AGIER, Michel. O sexo da pobreza: homens, mulheres e famílias numa avenida em Salvador da Bahia. *Tempo Social*, v. 2, p. 35-60, 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/T4J9Vry9bj5bznB4wTZPJrn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 de nov. 2024.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012. 112 pp.

BAHIATURSA. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/bahia/mapa-turjismo.htm>. Acesso em: 24 de nov. 2024.

BARROS, Beatriz Amorim. Ensinar e aprender Sociologia na escola brasileira (resenha). *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2024. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/536>. Acesso em: 27 de set. 2025.

BERGER, Peter. *A Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José Souza (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1973, pp. 200-214.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (Org.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. /livros Técnicos e Científicos, 2004. P. 193-199.

BODART, Cristiano das Neves. *O que aprender para ensinar Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2024.

BODART, Cristiano das Neves; SANTOS, Francialy Clarissa Melo dos; NASCIMENTO, Vivian Maria da Silva. O Ensino de Sociologia no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2023). *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, v. 8, n. 2, p. 1-24, 2024. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/535>. Acesso em: 27 set. 2025.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A Profissão de Sociólogo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOURADO, Ivan Penteado. Paulo Freire e o analfabetismo sociológico: por uma Sociologia dos oprimidos. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, v. 7, n. 1, p. 124–147, 2023. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/download/456/356>. Acesso em: 27 set. 2025.

DURÃES, Bruno J. R. Trabalho de rua, perseguições e resistências: Salvador no final do século XIX. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, RBHCS, Vol. 4 Nº 7, pp.72-93.72, 2012.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Edições 70, 2008.

ESPINHEIRA, G. Salvador: a cidade das desigualdades. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 184, p. 63-78, nov./dez. 1999.

ERAS, Ligia W. (org.). *Escrevivências e Ensino de Sociologia: um debate em construção*. Londrina: Madrepérola (coleção LENPES/UEL), 2023. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/publicacoes-lenpes-pibid-prodencia/escreviv-ncias-e-ensino-de-sociologia-um-debate-em-constru-o.php>. Acesso em: 27 set. 2025.

FRÓES, Paula. Processo no MP, faixas e reuniões: o que os moradores já fizeram para garantir dias de paz no Santo Antônio. *Correio 24 Horas*, 12 fev. 2025. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/processo-no-mp-faixas-e-reunioes-o-que-os-moradores-ja-fizeram-para-garantir-dias-de-paz-no-santo-antonio-0125>. Acesso em: 15 fev. 2025.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS (FIPE). *Relatório final: pesquisa de caracterização do turismo receptivo no estado da Bahia*. Por localidade de pesquisa. São Paulo: FIPE – Governo do Estado da Bahia, 2015.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GODINHO, L. F. R. Ensino de Sociologia e Educação do Campo. In: Antonio Alberto Brunetta; Cristiano das Neves Bodart; Marcelo Pinheiro Cigales. (Org.). *Dicionário do Ensino de Sociologia*. 1 ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020, v. 1, p. 5-10.

GUERRA FILHO, Sérgio A. D. Rebeldes ou Bêbados? Desordens, Soldados Artilheiros e Álibis Etílicos. Morro do São Paulo (1821). in: *II Encontro Estadual de História ANPUH-BA*, 2004, Feira de Santana. Anais Eletrônicos II Encontro Estadual de História ANPUH-BA.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Atlas, 1989.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2006.

HOLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*, Brasília: MMA, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2024: população de Cairu, BA*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 de jan. 2025.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2418>. Acesso em: 15 de jan. 2025.

LENCIONI, Sandra. Acumulação primitiva: um processo atuante na sociedade contemporânea. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 14, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7424> Acesso em 10 de maio de 2022.

LIMA, A. M. S.; ARAÚJO, A. L. Apresentação. *Revista Eletrônica Ensino de Sociologia em Debate* (UEL), Edição n. 13, v. 1, 2023. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/lensp-pibid/pages/edi-o-n-13-vol-1-jan-dez-2023.php>. Acesso em: 27 set. 2025.

LIMA, J. D. Novo Ensino Médio: contribuições da Sociologia ao Projeto de Vida. *A Perspectiva Sociológica*, n. 33, 1º semestre, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/PS/article/view/4532>. Acesso em: 27 set. 2025.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. *Geografia*, Londrina, v. 18, n.2, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>. Acesso em: 27 set. 2025.

MAIA, M. S. O gênero está na sala de aula: abordagens docentes... *A Perspectiva Sociológica*, n. 33, 1º semestre, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/PS/article/view/4533/2661>. Acesso em: 27 set. 2025.

MARX, Karl. *O capital*. Livro I. Trad.: R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORAES, Fabio Monteiro de. O subcampo do ensino de Sociologia e sua produção sobre as relações étnico-raciais. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*

(Cabecs), v. 8, n. 2, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/download/523/387>. Acesso em: 27 set. 2025.

NATIVIDADE, P. Conheça a unidade baiana do Bob's com um dos maiores faturamentos da marca no país *Correio da Bahia*. Salvador, 25 ago. 2024. p. 1-1. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/asterisco/conheca-a-unidade-baiana-do-bobs-com-um-dos-maiores-faturamentos-da-marca-no-pais-0824> Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Amurabi. O campo do ensino de Sociologia no Brasil: uma análise de seu processo de autonomização. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, v. 7, n. 1, p. 79–101, 2023. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/download/424/362/1775>. Acesso em: 27 set. 2025.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 27 set. 2025.

PIMENTEL, Ámalo. O estudo do meio como processo gerador de ensino, pesquisa e extensão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 15, n. esp. 2, p. 1538-1552, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13827>. Acesso em: 27 set. 2025

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van. A pergunta de partida. In: . *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998. p. 1-16.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

REIS, João José. *Ganhadores. A greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. *Tempo Social*, v. 26, n. 2, p. 209–229, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/sDhTTskCGVGDyqwRTyLnWPm/?lang=pt> Acesso em: 27 set. 2025.

SANTOS, Cecília Stefane Gomes Bomfim dos; FREITAS, Mirian da Conceição Souza de; COELHO, Taís Pinto Dias; PORCIUNCULA, Débora Carol Luz da; SILVA, Albany Mendonça; GONÇALVES, Manuel Vitor Portugal. O fenômeno da metropolização do turismo e seus impactos socioambientais em Morro de São Paulo, Bahia. *Revista Observatorio de la Economia Latinoamericana*, Curitiba, v. 22, n. 11, p. 01-38, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n11-150.

SANTOS, Luene Bento. Intelectuais negras no ensino de Sociologia. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, v. 7, n. 2, 2023. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/477>. Acesso em: 27 set. 2025.

SANTOS, Mílton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004.

SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokyo*. New Jersey, Princeton University Press, 2001.

SILVA, Afranio; FERREIRA, Lier Pires; ABREU, Bruno da Costa. Neoliberalismo, educação e Sociologia: o Novo Ensino Médio à luz da Pedagogia Histórico-Crítica. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs)*, v. 6, n. 1, p. 79–104, 2022. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/download/387/295/1447>. Acesso em: 27 set. 2025.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Gilberto (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

TUPA. *Arrecadação mensal da Tarifa de Preservação – MSP (2019-2024)*. 2025. Disponível em: <https://www.tupadigital.com.br/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

UEL/LENPES. Apresentação (11ª edição, v. 2). *Revista Eletrônica Ensino de Sociologia em Debate*, 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/11%20Edicao%20V.2-2021/APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). ‘Olhar antropológico em Morro de São Paulo’ - uma atividade de docentes e discentes no CFP. Portal da UFRB, 12 dez. 2008. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/859-olhar-antropologico-em-morro-de-sao-paulo-uma-atividade-de-docentes-e-discentes-no-cfp>. Acesso em: 27 set. 2025.

URRY, John. *O Olhar do Turista*. São Paulo: Editora Studio Nobel/SESC, 2001.